

Heartstorming

Miserando ataque eligendo: amando-o escolheu-o. Como todos sabemos, foi o lema escolhido pelo Papa Francisco, na sua ordenação episcopal, e é tirado das homilias de S. Beda, monge inglês, que comentava a misericórdia de Jesus no chamamento de S. Mateus. Jesus vê Mateus, sentado no posto de cobrança e diz-lhe "vem comigo".

É este olhar de Jesus, um olhar amoroso, um olhar salvador, que me traz aqui hoje, a mim animador, a mim guia, a mim membro da equipa regional, membro de uma equipa de apoio, a mim CVX.

Boas Vindas

Mas deixemos isto por agora, para vos dar as boas vindas e dizer-vos que este dia foi cuidadosamente preparado para cada um de vós vocês, que desejamos se sintam em casa, membros desta família que é a Região Sul da CVX. Comunidade que só tem lugar porque existe a CVX-P, que por sua vez só tem lugar porque existe uma comunidade CVX mundial e finalmente, esta só tem sentido na Igreja, fundada por Jesus que nos diz que para o Pai se caminha em comunidade. É pois em comunhão com toda a CVX e a Igreja que somos hoje chamados a recarregar baterias para nos lançarmos neste novo ano. Ultrapassemos a perspectiva da assembleia geral de uma empresa, ou de um clube de futebol, para nos deixarmos surpreender por Deus e sintonizar com Ele. Para Lhe abriremos o coração e Lhe confiarmos as nossas mãos, o nosso tempo e a nossa energia para melhor O amarmos e servirmos na CVX, neste ano. Desliguemos pois todos os filtros, e olhemos para a nossa comunidade e os desafios que se nos colocam. Procuremos olhar com os olhos de Deus, ouvir com os seus ouvidos e dispor nosso coração para aquilo que Ele nos pede.

Comecemos por olhar para o Verão que agora nos deixa que foi cheio de grandes acontecimentos para a CVX e para a Igreja.

O Verão

Em comunhão com a CVX, toda a CVX.

Assembleia Mundial, Líbano

“Este é o meu Filho muito amado, escutai-O” Mc 9, 7.

Foi esta a passagem do Evangelho de S. Marcos que presidiu aos trabalhos da Assembleia Mundial, no passado mês de Agosto, que teve como tema “Das nossas raízes às fronteiras”, e de que fomos tendo notícia através das partilhas da Teresa, da Tintão e do P. Hermínio.

Sessenta e seis comunidades nacionais, entre as quais o Botsuana, a Guatemala e a Lituânia que foram formalmente integradas na comunidade mundial, reuniram-se em Beirute, e diante de Jesus transfigurado, reflectiram sobre a nossa identidade, vocação e missão de discernir a melhor maneira de O acompanhar às fronteiras.

Faço aqui um parêntesis para tomarmos consciência de que na nossa própria comunidade, e não em qualquer outra realidade abstracta e distante, vivemos situações de fronteira, onde somos chamados a estar presentes, a deixar-nos tocar. Porque também aí, hoje, é lugar de Encarnação. Refiro-me à guerra e aos momentos actuais da Síria e do Egipto. A Comunidade de Vida Cristã está presente nestes dois países, e os seus delegados à Assembleia Mundial partilharam a forma como Deus se faz presente nas suas vidas e os leva a aceitar este sofrimento de quem perdeu tudo, mas não perdeu a confiança no Pai. No passado dia 7 de Setembro, o Papa Francisco decretou um dia de jejum e oração pela Paz neste país, e foi impressionante a adesão de tantos povos e religiões diferentes por esta causa que a todos nos toca. O Ex-Co fez sair entretanto uma nota sobre a Assembleia Mundial (AM), de que aqui realço alguns aspectos.

A AM refletiu sobre a riqueza das nossas raízes, comemorámos este ano 450 anos das Congregações Marianas, que estão na origem da CVX, e sentiu que, levando a sério as nossas raízes, devemos permanecer fiéis à nossa identidade e continuar a crescer no caminho que tantos foram fazendo desde aí e de que nós somos herdeiros e fiéis depositários. É fundamental, também, reconhecer Cristo encarnado no nosso meio para continuarmos a comprometer-nos com o bem maior e mais universal. É no reconhecimento de Cristo encarnado que surge o desafio de O seguirmos até às fronteiras. Nesta AM foram reconhecidas as fronteiras da Globalização e da Pobreza, da Família e da Juventude, e da Ecologia. Confirmando e ajudando a aprofundar este caminho, o Pe. Adolfo Nicolas, Padre Geral da Companhia de Jesus e Assistente Mundial da CVX, lembrou-nos que o papa Francisco pediu à Igreja para sair das Igrejas e **ir ao encontro** de Cristo na periferia. Somos também chamados a **aprofundar** as realidades onde vivemos e **trazermos essa experiência** para a nossa missão nas fronteiras.

A CVX vive também confrontada com o desafio da globalização da superficialidade, identificando-se aqui uma área de missão onde, como Corpo Apostólico de Leigos de espiritualidade inaciana, pode ajudar

todos aqueles com quem nos vamos cruzando a encontrar sentido nos pequenos acontecimentos de todos os dias.

Nos próximos cinco anos, somos chamados a reflectir, desenvolver, rezar e perceber o que é que isto traz para a nossa vida enquanto comunidade, a que novos caminhos somos desafiados. E nenhum de nós, nem nenhum membro dos nossos grupos pode ficar de fora. Tenhamos pois estes pontos na nossa agenda e permaneçamos unidos ao Ex-Co e à Equipa Nacional que nos ajudarão a aprofundá-los. 2014 é ano de Assembleia Nacional e esta será uma primeira oportunidade de em comunidade respondermos ao desafio do Ex-Co.

Em comunhão com a Igreja Universal

XXVIII Jornada Mundial da Juventude, Rio de Janeiro

O acontecimento eclesial mais atentamente seguido este Verão. 3,5 milhões de pessoas envolvidas. Quem não viu a imagem de Francisco e Dilma num utilitário pelas ruas do Rio, ou deixou de acompanhar a sua visita a uma favela? Este Papa é mesmo das fronteiras, aliás, como Jesus também era. Homens estranhos estes dois, salvo as devidas diferenças. Ambos são amigos dos pecadores, saem ao encontro dos marginalizados, baixam-se aos pés dos doentes, e acolhem os que mais sofrem. Num esboço muito superficial, ocorre-me a favela, esta mãe grávida e abandonada pelo seu companheiro, de que tivemos notícia pelo Facebook, os vários Angelus, os presos de 5ª feira santa e a jornada de jejum e oração pela Síria; talvez também o encontro de Jesus com Mateus, a cura dos leprosos, o milagre da multiplicação dos pães, a ressurreição de Lázaro. Jesus e Francisco presentes na vida dos que lhes são confiados.

Mas voltando à JMJ, um acontecimento tão marcante para a vida da Igreja, que o Papa lhe dedicou a primeira audiência pública semanal depois da pausa de Verão. Retomando o tema deste encontro, “Ide e fazei discípulos entre todos os povos”, o Papa Francisco desafiou todos os presentes na Praça de São Pedro, especialmente os mais jovens, a serem portadores da “esperança” de Deus, no meio da Igreja Católica e da sociedade. Disse-lhes “Um coração jovem que acolhe o amor de Cristo transforma-se numa esperança para os outros, é uma força imensa. Os jovens devem transformar-se em esperança, abrir o mundo à esperança”. E ainda “Se permanecerem unidos a Jesus, vão conseguir ser construtores do seu Reino, da sua fraternidade, partilha, das suas obras de misericórdia, serão uma força poderosa que transformará o mundo, que o tornará num local mais justo e belo”. As três ideias que destacou da jornada do Rio de Janeiro: “acolhimento, festa e missão”, e que pediu para não serem apenas uma recordação desses dias fantásticos, mas para que sejam a alma da nossa vida e da vida das nossas comunidades, lembrem-me dois dos nossos pilares, obviamente a **missão**, mas também a **comunidade**.

E com isto volto ao que aqui nos traz, o reencontro e o envio dos primeiros responsáveis da nossa comunidade regional, primeiros no sentido de linha da frente, os que avançam primeiro e em batalha os que morrem primeiro, nós.

Miserando ataque eligendo - amando-o escolheu-o, amando-nos escolheu-nos.

Foi a forma que escolhi para vivermos este dia em comunhão com o Papa e com toda a Igreja. E neste primeiro momento do dia, convido-vos a um olhar sobre 1) o passado recente e comum, da CVX-Sul 2) a nossa missão de animadores, guias, ou membros da equipa regional ou de apoio a esta equipa, e ainda 3) a vida de um grande amigo nosso e grande amigo de Jesus, que nos poderá animar na nossa missão.

1) O nosso passado recente comum

“Quanto mais universal mais divino”. Lembram-se deste dizer de Sto. Inácio de Loyola, que aqui escutámos, há dois anos? Ao preparar esta intervenção, voltei atrás e fui reler e recordar a essa comunicação, os projectos que nos levaram ali, e os que ali foram reafirmados, ou nasceram. E pensei: "está lá tudo"! O sonho de Deus para nós materializado na visita que o Papa Bento XVI nos fez em 2010 e na missa que nos celebrou no Terreiro do Paço, onde participámos em comunidade. Em comunidade CVX e em comunidade Igreja.

Talvez um outro ponto de partida para alguns de nós, ainda anterior, a assembleia mundial de Fátima, em 2008, alguns participámos como equipas de apoio, outros como delegados, outros na missa do P. Geral. Outro grande momento de Universalidade.

Trazer à memória também a AR, em 2011, outro momento de Princípio e Fundamento. Fizemo-nos ao caminho cheios de generosidade em várias direcções, decididas por todos. E também em 2012. E também hoje!

Mas deixem-me contar-vos uma história que todos conhecemos e que talvez nos ajude a irmos um pouco mais longe este ano.

Em 2011, projectámos aprofundar a experiência dos EE, para desembocar no sentir com a Igreja, crescer na comunhão eclesial, rasgar ainda mais os nossos horizontes: eu, o meu grupo, a comunidade regional, nacional, mundial, a Igreja Universal... Descascando precisamente o tema chave da Assembleia Regional, “Quanto mais universal mais divino”. Começámos a exercitar vigorosamente um músculo que todos temos, chamado coração, que lentamente rasgávamos para nos abirmos a uma realidade maior, a mais Amor, a um horizonte mais largo... cheios de entusiasmo. Mas, aos poucos, fomos encolhendo, encolhendo... E acabámos por recuar no nosso programa, que era já um upgrade em relação ao anterior, pois tínhamos deixado os temas soltos, para seguir um fio condutor. No final do ano, avaliámos, pedimos ajuda à equipa de formação e no início de 2013 recomeçámos com outro modelo, a Escola de Animadores. Com temas mais específicos da CVX, com dinâmicas de encontro variadas e procurando dotar os animadores de mais conhecimentos teóricos e práticos para aplicarem nos seus grupos. Bem, no fim deste ano lectivo tivemos que reconhecer que o problema não está nos temas nem nas dinâmicas dos encontros formativos, está em nós. E neste ponto concreto temos um problema: uma comunidade

que não se forma perde a sua identidade. Há qualquer coisa connosco que nos faz perder energias e nos leva a esmorecer, a dispersar-nos, a descomprometermo-nos. Talvez o ritmo acelerado do nosso dia-a-dia que nos vai esmagando lentamente e contra o qual nada podemos.

Mas trago-vos uma boa notícia: com Deus talvez possamos! É de facto uma das características extraordinárias deste Deus que tanto nos ama, Ele está sempre à nossa espera. E mesmo respeitando tanto a nossa liberdade, que nos permite recusá-Lo, o Seu sonho para mim, para cada um de nós, para a nossa comunidade não esmorece. Está aqui, à nossa espera.

Este é o momento de voltarmos a tomar em mãos o Princípio e Fundamento da nossa comunidade. É o momento para voltarmos a sonhar com Deus e desejar entregarmo-nos com Ele, comprometidos com as pessoas que servimos.

2) a nossa missão de animadores, guias, membros da equipa regional ou de apoio a esta equipa

Talvez se recordem da homilia do Papa Francisco na missa crismal de 5ª feira santa. Vamos aqui adaptá-la a cada um de nós. Começava assim “O bom sacerdote (o bom animador, guia, membro da equipa regional ou outra) reconhece-se pelo modo como o seu povo é ungido.”

No nosso caso, de responsáveis pela CVX-Sul podemos dizer de modo semelhante que o modo como nos comprometemos, entusiasmos com a CVX e com a Igreja e deixamos que isso transforme a nossa vida, a nossa forma de estar, influencia aqueles a quem servimos. Se nos deixamos contagiar pela alegria e a paz de Jesus e pelo seu amor, e os deixamos passar através de nós, os membros dos nossos grupos sentem-no, experimentam-no através de nós.

Quando conseguimos acolhê-los e amá-los nas suas situações concretas, com ou sem problemas, mais ou menos simpáticos, mais ou menos assíduos às reuniões e à orientação de vida, abrimos-lhes a porta do grupo e da comunidade por forma a que se sintam a gosto e permaneçam. Mais ainda, quando fazemos nossas as suas dificuldades e os animamos com a nossa presença, tornamos tangível a comunidade. Nesta relação amorosa que actualiza a ternura dos gestos de Jesus com cada um de nós, ensinamo-nos uns aos outros um modo de proceder pelo qual somos reconhecidos.

Continuando com o Papa Francisco: “O sacerdote (animador, guia, membro da equipa regional ou outra), que sai pouco de si mesmo, que unge pouco” (...) “Quem não sai de si mesmo, em vez de ser mediador, torna-se pouco a pouco um intermediário, um gestor. A diferença é bem conhecida de todos: o intermediário e o gestor «já receberam a sua recompensa»”. Este sair de si, podemos aplicá-lo à nossa dificuldade de partilharmos a nossa vida e a nossa oração, no que esta tem de fragilidade e força, sombra e luz, alegria e tristeza, angústia e esperança, e também ficarmo-nos pelo pequeno grupo, cortando aos seus membros a perspectiva da universalidade e à comunidade a possibilidade de receber de vós ânimo, apoio, amizade, fidelidade. Cada vez que não me dou e me fecho, privo os outros de mim e da minha missão de pôr a circular para os outros o amor que Deus tem por mim.

Por outro lado, se não arrisco entregar-me, também fecho a porta ao outro e à sua amizade que também é expressão do amor de Deus por mim, e em vez de me abrir à alegria, abro a porta da tristeza, da desolação, da insatisfação. E isto também se pega! Eu perco, e os outros perdem comigo.

“Sede pastores com o «cheiro das ovelhas», que este se sinta, (...) pastores no meio do seu rebanho, e pescadores de homens.” Foi este o pedido do Papa para todos os Sacerdotes e é este o desafio que transponho para mim, para cada um de nós.

Que paremos uns minutos e pensemos que tipo de animadores, guias, membros da equipa regional ou outra, somos, e aceitemos o desafio de nos envolvermos com aqueles a quem servimos, entregando-nos por inteiro, de tal maneira que **façamos nosso o seu cheiro**. E sem medos, porque é sobretudo Ele que age. Só precisamos de Lhe abrir o coração e deixar-nos conduzir. É difícil? É! Mas outros conseguiram, ou melhor a outros foi-lhes concedido.

3) a vida de um grande amigo nosso e grande amigo de Jesus, que nos poderá animar na nossa missão.

(adaptação dos textos do Padre Alessio Geretti que acompanharam a exposição de pintura “**O caminho de Pedro**. O que pode um homem fazer por Deus. O que pode Deus fazer de um homem”, organizada no âmbito do Ano da Fé.

Voltemos agora ao Princípio e Fundamento: Act 12, 5-12

“Enquanto Pedro estava encerrado na prisão, a Igreja orava a Deus, instantemente, por ele. Na noite anterior ao dia em que Herodes contava fazê-lo comparecer, Pedro estava a dormir entre dois soldados, bem preso por duas correntes, e diante da porta estavam sentinelas de guarda à prisão. De repente, apareceu o Anjo do Senhor e a masmorra foi inundada de luz. O anjo despertou Pedro, tocando-lhe no lado e disse-lhe: «Ergue-te depressa!» E as correntes caíram-lhe das mãos. O anjo prosseguiu: «Põe o cinto e calça as sandálias.» Pedro assim fez. Depois, disse-lhe: «Cobre-te com a capa e segue-me.» Pedro saiu e seguiu-o. Não se dava conta da realidade da intervenção do anjo, pois julgava que era uma visão. Depois de atravessarem o primeiro e o segundo posto da guarda, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, a qual se abriu por si mesma. Saíram, avançando por uma rua, e logo o anjo se retirou de junto dele. Pedro, voltando a si, exclamou: «Agora sei que o Senhor enviou o seu anjo e me arrancou das mãos de Herodes e de tudo o que o povo judeu esperava.»

E, depois de reflectir, dirigiu-se a casa de Maria, mãe de João, de sobrenome Marcos, onde numerosos fiéis estavam reunidos a orar.”

O amigo de que vos falo é Pedro, o apóstolo escolhido por Jesus no lago da Galileia e morto em Roma. Acompanhemos a sua vida e procuremos reconhecer-nos em alguns dos seus traços.

O seu percurso entusiasma-nos e confronta-nos com a nossa pequenez, contagia-nos a sua convicção e a sua força, mas também nos expõe diante das nossas faltas de confiança e dos nossos momentos de crise.

Seguindo a aventura de Pedro e a da nossa própria vida, percebemos o que é a fé, **“o que um homem pode fazer pela fé e o que a fé pode fazer de um homem.”**

Acompanhando Pedro, a distância de temporal e geográfica que nos separa dos acontecimentos narrados nos Evangelhos esbate-se, tornando-os actuais.

Centremo-nos, então, na sua fé, no que ele fez por ela, no que ela fez dele.

Pedro era um homem impulsivo, generoso, de idade próxima de Jesus, que vivia nas margens do lago de Tiberíades e era filho de uma família de pescadores. Antes de encontrar Jesus, chamava-se Simão, que em hebraico significa “aquele que escuta, o discípulo”, neste seu primeiro nome estava o seu destino, no seu novo nome está a sua missão.

A fé é a resposta a um acontecimento, a minha resposta ao encontro com Deus, que inesperadamente e de modo surpreendente sai ao meu encontro, fazendo-se presente de diversos modos. A fé é, então, um encontro pessoal com Jesus, e esse encontro transforma para sempre a vida Pedro. O desafio é vermos dois filmes em simultâneo, o da vida de Pedro e o da minha vida.

Jesus viu Pedro pela primeira vez em Betânia, para lá do rio Jordão, tendo já no seu grupo João e André, discípulos de João Baptista. **Tudo começa com um olhar:** André apresenta o seu irmão Simão a Jesus, que “fixando o olhar dentro dele” lhe disse: “ Tu és Simão, o filho de João: chamar-te-ás Cefas”. Neste momento, Pedro escuta de Jesus o que ele era, o que ele é e o que ele será.

O encontro seguinte, não bastou um, nunca basta colocamos-lhe sempre muitas resistências, foi decisivo para Pedro. Acontece em Cafarnaum, onde ele e o irmão exerciam a sua actividade de pescadores. Um dia de manhã, Jesus vê-os, sobe para a barca e pede-lhes que se afastem um pouco da margem para que a multidão que O seguia O pudesse escutar. Depois, pede-lhes um gesto de total confiança, pede-lhes que lancem as redes em pleno dia, depois de terem passado toda a noite na pesca, sem sucesso. É curioso trazer aqui tantos momentos de desânimo, em que tudo parece correr mal, e já esgotámos a nossa iniciativa e a nossa capacidade física, espiritual, mental e nos dizem: “vamos lá outra vez”! E a resposta à confiança dos discípulos é a pesca milagrosa. É um momento decisivo na vida de Pedro, o Evangelho diz-nos que ele e os seus companheiros, “puxaram as barcas para terra, **deixaram tudo e seguiram-No**”. Perceberam, pelo menos em parte, Este Alguém que nos leva para além de nós.

Começa aqui a grande aventura da vida de Pedro, na qual terá que se vencer a si próprio, passar de condutor a conduzido! É uma transformação brutal!

No início, experimenta aquela desproporção abismal entre ele e Deus que se lhe revela e o desafia a caminhos com que nunca sonhou, a ultrapassar limites que nem sabia que existiam. Quando a barca quase se afunda de tanto peixe que as redes traziam, Pedro lança-se de joelhos aos pés de Jesus dizendo: Senhor, afasta-te de mim, porque sou um pecador. Grande medo tinha-o de facto agarrado, a ele e a todos os que estavam com ele.” (Lc 5, 4-9). A fé é esta experiência quase irracional que nos confronta constantemente com os nossos limites e nos lança para além deles, para onde não perdemos o pé, onde a nossa única rede é Deus.

O contacto com Cristo faz crescer a admiração e confiança de Pedro perante o Mestre, com O qual vive experiências fascinantes, de superação de si, de MAIS.

Se por um lado Pedro é tentado a ficar para trás, por outro procura com todas as forças estar à altura do chamamento, e demonstrar a Jesus o seu amor e o seu entusiasmo por Ele. Talvez episódio mais ilustrativo desta atitude seja a caminhada sobre as águas, quando todos ficam desconcertados por Jesus que aparece de noite no meio do mar em tempestade. Pedro supera a incredulidade, a sua ligação a Jesus começa a fazer diferença na sua vida, e ousa dizer: “Senhor, se és Tu, manda que eu vá ter contigo sobre as águas”. Jesus gosta deste atrevimento e diz-lhe: “Vem! A dada altura, perante a violência do vento amedronta-se e começa a afundar-se; então grita: Senhor, salva-me!” (Mt 14, 28-30) Por um momento, contou só com as suas forças, centrou a atenção sobre si e sobre as suas dificuldades, em vez de apostar totalmente na confiança em Jesus. Pedro sabia no mais profundo de si que nada é impossível àquele que reconheceu como o Filho do Deus vivo:

- em casa de Jairo, chefe da Sinagoga da sua cidade de Cafarnaum, tinha visto Jesus despertar da morte a filha de doze anos daquele homem.
- sob a ordem do Mestre tinha procurado e encontrado na boca de um peixe uma moeda para pagar o tributo ao templo de Jerusalém.
- sobre o monte Tabor tinha ficado deslumbrado e aturdido pela luz de Jesus no momento da Transfiguração, de que ele é testemunha privilegiada.

A fé em Pedro vai-se tornando sempre mais um saber e uma força, fundada sobre a experiência do invisível que se manifesta na sua história. Aquilo que ele só percepção porque dá tempo a Deus, como nós o buscamos e encontramos colocando-nos diante de Deus e olhamos a nossa vida com Ele, nos exercícios espirituais, na oração diária, no exame de consciência, no acompanhamento espiritual.

O olhar de Jesus sobre Pedro vai-o transformando lentamente, mas decididamente, pela força da fé, na rocha, suporte da fé que se tornará para todos:

“em Cafarnaum, Jesus confirma a Simão o seu novo nome, Pedro, que completa o primeiro: Simão tem a raiz do hebraico shemà, escutar, e portanto é o nome justo de quem é chamado a ser discípulo; o segundo é o nome da sua particular missão apostólica, que continuará muito para além dos limites do simples homem por quem é iniciada, antecipando quanto acontecerá e será confirmado sobre as margens do lago de Tiberíades depois da Ressurreição, na tríplice confissão.”

Mas Pedro também vacila nos momentos cruciais, e chega mesmo abandonar o Mestre na última noite negando-O três vezes, depois de ter jurado convictamente que nunca O trairia. Como pode ser este a rocha da fé? A vida de Pedro, a sua fé deixa claro que a fé não é uma qualidade nossa, mas uma prenda de Deus! Simão torna-se Pedro enquanto pronuncia o primeiro Credo, e professar o Credo não é fruto apenas das forças humanas.

Bem no coração de Pedro, que cada vez mais claramente se descobre diante dos olhos de Cristo como um homem de pouca fé, está a misericórdia: a fé no Evangelho consiste antes de mais em crer

firmemente que Deus é misericórdia, amor que perdoa, transforma, regenera. O próprio Pedro, que caiu em tentação e renegou de modo indesculpável o seu Senhor por três vezes, recebeu o perdão, e por isso mesmo pode ser o melhor guarda possível das chaves do Céu. Experimentou, viveu a e da misericórdia do Pai.

Quando penso na misericórdia de Deus, associo-lhe sempre o Magnificat, o Seu olhar repousou em Maria e fez maravilhas. A Sua misericórdia, o Seu amor é esta possibilidade de partirmos do nosso nada para sermos tudo, possibilidade que requer apenas a nossa transparência, abertura total a Deus.

É impressionante que nenhum dos apóstolos, nenhum dos personagens do Novo Testamento, é posto a nu na sua humanidade como Pedro, na sua debilidade e no seu esforço em crer. Em Pedro há qualquer coisa que levanta resistência à fé.

Simão resiste perante a imensa preferência de Cristo a seu respeito, sente-se indigno e tem dificuldade em deixar-se amar. Talvez seja isto que torna tão fácil a minha identificação com Pedro, esta grande dificuldade em perder o controlo de tudo à minha volta, ou melhor de entregar a Deus esse controlo.

A resistência de Pedro consiste no não aceitar a diferença entre como Deus se revela e como ele espera essa revelação. Durante a Última Ceia, Pedro opõe-se ao gesto do lava pés, que lhe parece absurdo: “não me lavarás os pés” (João 13, 8). Na barca, depois da primeira pesca milagrosa, tinha mostrado a mesma tentação de manter distância entre si e Jesus. Simão não consegue render-se à ideia que Deus seja tão diferente daquilo que imaginava. Não consegue ainda perceber que este Amor tão grande deseja ardentemente dar-se-lhe; e também a cada um de nós. E se calhar perdemos muito tempo, ou talvez não, a pensar que não somos dignos, que não merecemos tanto e a recusá-lo por isso. **É tão difícil ser pobre, mesmo pobre de Deus.**

Simão sente dificuldade em deixar-se amar por Deus. E Deus não sabe fazer outra coisa. Só o Seu amor nos salva, nos leva para além de nós, do nosso umbigo, nos abre ao outro, à missão.

Quase esgotado por um crer que cansa porque está assente nas suas próprias forças, assente nas minhas próprias forças, Pedro adormece durante a agonia do Mestre Horto das Oliveiras. Mais, quando chega o destacamento guiado por Judas para prender Jesus, Pedro tenta defender Jesus com a força, com a sua força, sinal de que ainda não consegue acreditar que o Amor é a força maior. É como eu, tantos EE, tanta CVX, tantas orações, e na hora da verdade não consigo seguir Jesus até ao fim. **“Também o crente experimenta a incredulidade.”**

“Por três vezes, no pátio da casa de Caifás, alguns dizem a Pedro: “Tu és deles, tu conhecia-Lo, e por três vezes Pedro renega. E naquele instante, enquanto ainda falava, um galo cantou. Então o Senhor, voltando-se olhou dentro Pedro e Pedro recordou-se da palavra do Senhor, o qual tinha dito: Hoje, antes que o galo cante segunda vez, tu negar-me-ás três vezes, e saindo para fora, chorou amargamente.” (Lucas 22, 60-62).

Saindo finalmente de si, Pedro entrega-se definitivamente ao amor de Cristo. A plenitude da fé é descobrir a misericórdia de Deus que nos potencia, engrandece, supera-nos. Nós gostaríamos de ser

amados pelo que valem, mas Deus teima em amar-nos só porque existimos e não sabe fazê-lo de outra forma.

A ressurreição acontece ao terceiro dia, a de Jesus claro, que vem abrir o entendimento dos discípulos. Mais uma vez, pacientemente, pedagogicamente, mostra-se-lhes, e volta a ensinar-lhes o caminho, o Seu caminho, aquele que eles ainda não tinham conseguido compreender.

Pedro correu para o sepulcro juntamente com João, transtornado e confuso pelo relato de Maria de Magdala. Tinham sido momentos terríveis de desilusão, de tristeza, de impotência, de derrota, de sem sentido. Tudo aquilo em que tinha posto a sua vida, com todos os altos e baixos que lhe conhecemos tinha desmoronado. O Mestre tinha sido morto, aparentemente derrotado e com isso tudo caía por terra.

Mas agora, há uma nova esperança, no coração de Pedro arde novamente a esperança, a confiança. Pedro confirma pessoalmente e compreende finalmente o relato de Maria de Magdala.

O Evangelho de João narra a terceira aparição do Ressuscitado nas margens do lago de Tiberíades onde, como que recomeçando a história, acontece uma nova pesca milagrosa. Pedro reconhece o Senhor e entre os dois renova-se, com a tríplice confissão de amor, a íntima confiança que a tríplice negação não tinha podido destruir. Também assim, o nosso pecado não consegue destruir a nossa amizade com Deus. Deste momento em diante vemos a fé em acção na vida de Pedro: o apóstolo sobe de novo para a barca e guia a Igreja. É um Pedro muito mudado o dos Actos dos Apóstolos: **o olhar de Jesus** que pousou sobre ele ao cantar do galo, no pátio do Sumo Sacerdote, e os encontros com Jesus ressuscitado tornaram-no capaz de uma vida que não estava ao alcance das suas forças.

Pedro experimenta cada vez mais que a fé consiste no abandonar-se em Deus, seguro da sua presença e do seu cuidado. Pedro aprendeu a estar seguro não de si, como no início desta história, mas de Deus.

A fé, para Pedro, para os primeiros cristãos depois da Ressurreição de Jesus e também para nós, é também a experiência de uma nova fraternidade. A harmonia fraterna, a solidariedade para com os mais pobres e os que mais sofrem, o vínculo de unidade com os apóstolos e em particular entre os apóstolos e Pedro, são sinais visíveis de que a fé transforma os muitos, os diferentes e os divididos numa nova realidade, numa companhia unida e fiável. É a fé que nos abre a esta realidade de sermos comunidade, de sermos “amigos no Senhor”.

Uma vida em tudo igual à sua, os três graus de humildade dos EE.

Senhor onde vais? Tinha perguntado a Jesus, na última ceia, e Jesus tinha respondido: “Onde vou agora tu não podes seguir-me. Seguir-me-ás mais tarde”.

Tinha permanecido em suspenso a promessa de Jesus: “seguir-me-ás mais tarde”. E a promessa realiza-se. A cruz que Pedro tinha rejeitado no Getsémani torna-se a sua honra suprema. A tal ponto que, segundo a tradição, Pedro, não se sentindo digno de uma tal identificação com o seu Senhor, se faz crucificar de cabeça para baixo.

Tantas histórias de altos e baixos no amor e na fidelidade a Jesus concorrem para a transformação de Pedro, que se torna sempre mais semelhante a Cristo: Pedro realiza muitos gestos idênticos aos que Jesus tinha feito em vida, Pedro parece Cristo. No seu caso, isto é verdade até à identificação total com o sacrifício de Cristo. É a esta identificação interior, que resulta em semelhança exterior e conseqüentemente em actualização da presença de Jesus hoje, nas nossas vidas, nos espaços em que nos movemos, para todos aqueles que nos estão confiados, as nossas famílias, os nossos amigos, os nossos colegas, os membros dos nossos grupos, e outras pessoas que desconhecemos, que somos chamados.

Conclusão

Voltando ao final da passagem dos Actos dos apóstolos com que comecei esta história:

“Depois, disse-lhe: «Cobre-te com a capa e segue-me.» Pedro saiu e seguiu-o. Não se dava conta da realidade da intervenção do anjo, pois julgava que era uma visão. Depois de atravessarem o primeiro e o segundo posto da guarda, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, a qual se abriu por si mesma. Saíram, avançando por uma rua, e logo o anjo se retirou de junto dele. Pedro, voltando a si, exclamou: «Agora sei que o Senhor enviou o seu anjo e me arrancou das mãos de Herodes e de tudo o que o povo judeu esperava.»

E, depois de reflectir, dirigiu-se a casa de Maria, mãe de João, de sobrenome Marcos, onde numerosos fiéis estavam reunidos a orar.”

Podemos então pedir para cada um de nós “Conhecimento interno de tanto bem recebido para que eu, reconhecendo-o inteiramente, possa em tudo amar e servir Jesus”.